

PEQUENO EXPERIMENTO DE MUNDO #1: COMPARTIMENTO DE ESTAR E PARTIR

MARIANA DANUZA CORTEZE¹; HELENE SACCO².

¹Acadêmica do curso de Licenciatura em Artes Visuais – CA/UFPEL– maricorteze@hotmail.com

²Professora do curso de Licenciatura em Artes Visuais – CA/UFPEL– helenesacco@hotmail.com

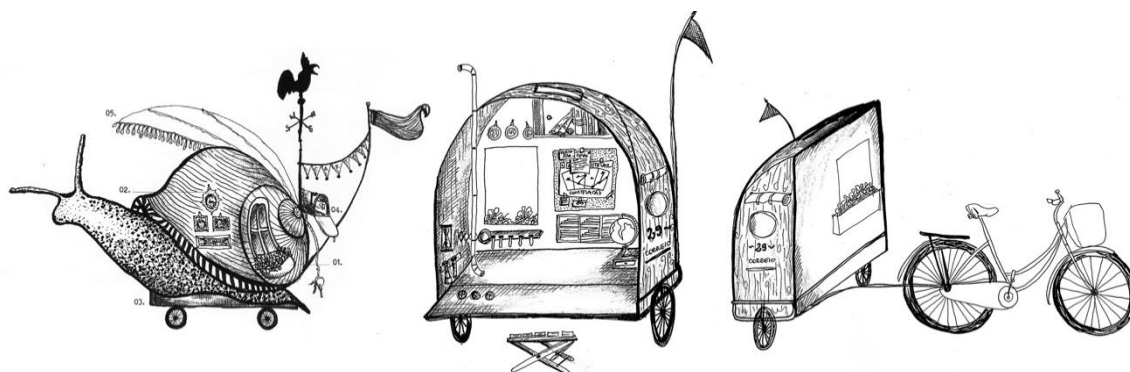
1. INTRODUÇÃO

Este texto apresenta discussões da pesquisa poético-artístico-educativa intitulada *Pequeno Experimento de Mundo #1: Compartimento de estar e partir*, que se refere ao trabalho de conclusão de curso em Artes Visuais Licenciatura do Centro de Artes da Ufpel.

Sua concepção se dá por conta de presenças ativadas pela ausência, pois durante dois anos de intercâmbio e residência em Portugal (2012 a 2014) através da Capes, junto ao Programa de Licenciaturas Internacionais (PLI) entre a Universidade de Coimbra e a Universidade Federal de Pelotas, obtive o forte impacto do exílio, estava sem território e, portanto, sentia-me desalojada de mim. Por consequência, avolumei a vontade de não ser mais passagem, não permanecer mais transitoriamente nos lugares, não viajar para estar simplesmente a passeio ou turismo. Eu ansiava habitar (DE CERTEAU, 2002) em viagem, sonhava em transformar os não-lugares (AUGÉ, 2011) em lugares cheios de experiência presente. Essa busca de estar, mesmo partindo, condiz ao que Flusser (2011, p. 51) afirma: “exilados são pessoas desenraizadas que buscam desenraizar tudo a volta para criar raízes”.

Foi então, que aliei memórias de objetos específicos (correio, janela, telhado, porta-retratos e carroto) em um inventar comum. Só que a necessidade de construção se originou por meio de uma forte rememoração (BENJAMIN, 1940 Apud GAGNEBIN, 2006) do ano de 1999. Quando tinha sete anos, meu pai comprou uma das casas mais antigas de uma pequena cidade do interior do estado do Rio Grande do Sul, e assim, ele, meu avô e eu a desconstruímos para que com o mesmo material construíssemos em outro terreno nossa casa própria, a casa 879. Tal consciência foi promovida junto a instrumentos singelos da infância: papel de presente e canetinhas coloridas para desenhar a planta baixa; balde, regador e pá de areia para misturar o cimento; faz de conta incorporado no desejo de habitar. Para engenhar esse trêmulo fazer, emergiram dois, três, milhares de nós mesmos empenhados no invento mais valioso, o de abrigar sonhadores. Sem saberes apurados, mas com vontade formigante, é que me vi imersa nesse fazer preciso, pois o dever do presente é justamente rememorar o passado, ressignificá-lo.

É assim que a corrente pesquisa permeia em primeira instância na criação de um objeto artístico que reconstrói memórias e a mim mesma. Agrupa-as, afirma-as e as recria. E dentro da reflexão poética, o objeto em questão é entendido como uma concha (re)inventada que alude a dicotomia entre aquele que viaja e aquele que permanece. Sutilmente, sugere o propósito mais genuíno de toda sua existência: o de movimento de viagem como transformação, como metamorfose sucessiva que entra nos interstícios, cria tentáculos, transforma os seres e inaugura um novo espaço a cada nova percepção.



Projeções do compartimento de estar e partir (2014-2015) Mariana Corteze.

2. METODOLOGIA

Feito o processo de emanção (VÁLERY, 2011) é que a concha (re)inventada procedeu, e é assim que desenvolve seu próprio itinerário exploratório. Aos poucos, a carapaça começa a existir fora do meu pensamento e seus desenhos orientam os caminhos, as projeções e a forma.



Construção da concha (re)inventada (2015) Mariana Corteze.

Após sua construção, ela adquire a segundo momento da pesquisa, quando ganha outra dimensão, a do mundo. E ao situar-se no espaço da cidade, propõe um *metalugar*¹ em contraponto aos não-lugares, ao fluxo incessante.

É por isso, que a direção tomada na experimentação da concha como agente de metamorfose cotidiana se dá sem distanciamento, pois a experiência está imersa em todo meio, ela cria próprios movimentos, desvios, pede passagem e incorpora sentidos. Com tal particularidade, é que a ação-experimento do *Compartimento de estar e partir* visa apresentar um dispositivo de ver o mundo e um convite a reinventá-lo, entendendo experiência como educação (BONDÍA, 2002) e assim, sustentando a potência de outros espaços para aprender, para viajar.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A ação-experimento aconteceu de 22 a 18 de maio de 2015 na cidade de Pelotas em diferentes localizações transitórias. Ela constituiu-se por simplesmente

¹ Termo inventado na pesquisa *Pequeno experimento de mundo #1*. Do prefixo meta: para além de; mudança. Do sufixo lugar: espaço ocupado; ambiente onde o indivíduo desenvolve para com ele relação de identidade. Quando o espaço é atingido, ele pode ser transformado. Metamorfose espacial. Outros lugares para os dias, para a educação.

estar à disposição, sem hora marcada, divulgação ou convite. Sua condição de presença provocou pausa, solicitou lentidão e um estar junto dos outros. Assim, gradativamente aconteceu a emancipação do olhar e do experimentar, e por conta disso, o aprendizado do mundo se dá ao mesmo tempo em que o aprendizado de nós mesmos.



Ação-experimento na cidade de Pelotas (2015) Mariana Corteze.

A educação entra aqui como uma licenciatura ilimitada, aberta a formação de qualquer sujeito, feita em espaços outros, em experiências outras. Nessa possibilidade se desenvolve a experiência de troca, e é nela que a educação em arte acontece. Quando o contato presente toca, atravessa, forma, deforma e transforma, convertendo os seres, os meios e os lugares. É um processo de aprendizagem mútua (RANCIÈRE, 2002) onde as trocas faladas, silenciadas, desenhadas, escritas e recolhidas asseguram, revigorizam e instauram outras formas possíveis de estar no mundo.

Logo, o *metalugar* tornou-se a ação do verbo estar. É compartilhar, trocar, se emancipar. É promover educação no cotidiano, no que é dado ver, no que é dado viver, sentir. É a intensidade das relações, das experiências vividas que se remodelam a cada passo, a cada percurso, a cada encontro efêmero, troca de afetos, resquícios, marcas. Até porque arte e educação não é estar sozinha, não é permanecer como estrangeira sem conhecer a noção de habitar o lugar em que se ocupa. E a concha, vista como objeto-sujeito, só existe por atribuir múltiplos encontros, porque são esses encontros que a tornam concha.

Talvez, a afirmação um viajante que adentrou a carapaça, faça sentido aqui: “Viajar é se desprender daquilo que te prende”. E possivelmente, o território a que tanto busco encontrar, não se concentra mais como extensão de terra, mas como localizações vivas e móveis, são carne, ossos e nervuras. Nós somos nosso próprio território.

4. CONCLUSÕES

Esse final não propõe um saber acabado. Até porque tudo está demasiadamente condicionado ao resultado, à efetividade, ao acerto. Se eu encontrasse de fato uma descoberta no final da pesquisa monográfica, não sei o que faria. Talvez a jogasse fora para continuar procurando, caminhando, viajando.

Quem sabe, por conta do planeta Terra ser movente, entendo isso como um convite de viver em viagem (ONFRAY, 2009). Mas essa concepção não indica viajantes necessariamente em movimento, pois há viagens no lugar, viagens em intensidade, e essas são as mais urgentes. Esse pensamento não se refere a maneira em que se deslocam os migrantes, mas, ao contrário, declara um

raciocínio de que movimento é tal como Deleuze (Apud WHITE, 2008, p. 48) afirma: “pôr-se a nomadizar para permanecer no mesmo lugar escapando aos códigos”.

É justamente por isso que existe a importância da arte para desencaminhar, deseducar a sociedade disciplinar (FOUCAULT, 1999) e maquinal do sistema implantado. Estar em resistência é um movimento de extensão, não de implantação. É a aventura nos espaços habitados e não a segurança das muralhas. É fazer verter iniciativas que procuram revoluções dentre as configurações de controle social, dentro a ameaça subjetiva. É ofertar possibilidades que lutam para descontrolar o que é controlado e dominado. E a arte é capaz de revelar esse possível.

A aprendizagem que ela provoca, tem algo a ver com o movimento de infinito, com a concepção de eternidade. E o estar na educação é indispensável para a construção de sujeitos emancipados. É ele quem torna real o encontro porque simplesmente está. Ele pressupõe movimento, transições, atravessamentos, transformações, até que de repente, esse verbo em infinitivo se torna gerúndio: um processo em curso, uma ação prolongada, um resquício dilatado, uma dobra estendida. Nunca paramos de estar, nunca paramos de aprender.

Por me permitir a construir o espaço do *Compartimento de estar e partir*, construí partilha, situações de experiência poética que instauraram um tempo e um espaço outro. Foi somente através desses encontros que pude desenvolver intercessores em trocas sensíveis, e por isso, hoje não sou mais eu mesma. Fui ajudada, aspirada e multiplicada nesse longo processo. Encontrei na concha um lugar vivo que proporciona novas formas de compreender as relações de arte, educação e vida. Porque afinal, educação somos nós.



5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros

- AUGÉ, M. **Não-lugares**. Lisboa: Livraria Letra Livre, 2012.
- DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Milles plateaux: Capitalisme et schizophrénie**. São Paulo: Editora 34, 1996.
- FLUSSER, V. **Exílio e criatividade**. In: Piseograma, n. 4, ano 1. Setembro de 2011.
- GAGNEBIN, J. M., **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.
- ONFRAY, M. **Teoria da viagem: poética da geografia**. Porto Alegre: L&M, 2009.
- RANCIÈRE, J. **O mestre e o ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- RANCIÈRE, J. **O espectador emancipado**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- VÁLERY, P. **Variedades: a concha e o homem**. São Paulo: Iluminuras, 2011.
- WHITE, K. **O espírito nômade**. Lisboa: Deriva Editores, 2008.

Periódicos

- BONDÍA, J. L. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, v19. Campinas, 2002.
- FOUCAULT, M. **Os intelectuais e o poder: conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze**. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1999.